

EMPREENDEDORISMO AGRÁRIO

Estêvão Vao* ia a descer a mui inclinada Rua do Comércio, por onde não passam veículos automóveis, quando a meio da bruma espectral inserida no mês em curso julgou perceber que à sua frente caminhavam duas senhoras. Ao descortiná-las, as duas figuras remeteram-no para o Bucha e Estica, porque uma era assaz volumosa e a outra bastante magra, parecendo esta ter-se esquecido de desligar o programa de emagrecimento. Notou que caminhavam como patos coxos, ou meio coxos. Porém, ao notá-lo, viu desprender-se delas uma nuvem de perfume chique e agoniante que logo o abocanhou, fazendo-o cair numa das ratoeiras em que se revela pródigo o mundo urbano.

* De seu nome completo Francisco Hermes Estêvão Vao (do antigo ramo dos Vaos, ou Vaus, de Entre Douro e Minho) de Alencastre Reboredo e Souza. Inspirado na obra do grande geógrafo anarquista Élisée Reclus, aplicou a parca fortuna que lhe coube em herança em infundáveis caminhadas de naturalista, que o levaram do Norte da Galiza ao Levante, e daí, depois, a todo o litoral mediterrânico, o que lhe deu uma invejável estrutura muscular de caminheiro, deslocando-se a pé por todo o lado. Isso mesmo se verá, se Deus quiser (se Não Quiser está o caldo entornado), em próximos capítulos das suas ígneas aventuras.

Empreendendo um apreciável esforço cerebral para identificar a estranheza da andadura das senhoras, apercebeu-se de que iam montadas sobre umas botas de salto alto e fino, primor de elegância que as obrigava a apalpar terreno, para não se estatelarem na calçada. Perante o perigo, que lhe pareceu iminente, de ambas desabarem daquelas alturas diante dele, tomou corajosamente a decisão de tirar as mãos dos bolsos, onde ia a fazer figas ao empreendedorismo, e prontificou-se a ampará-las, seguindo-as agora com uma missão generosa e altruísta – que lhe atribuiria pontuação elevada num concurso de boas acções.

De repente, ambas interromperam o rumo que levavam, bifurcaram o passo e enfiaram-se numa loja, dentro da qual, ao segui-las como um íman, verificou tratar-se de uma papelaria onde serviam bebidas e se viam revistas penduradas como bacalhaus (modas, caça, futebol-futebol, decoração). As duas senhoras sentaram-se, aliviadas, para descansar as pernas, e pediram um café.

Aqui chegados, é preciso ter em conta que as sofisticadas damas já haviam percorrido a pé, no mínimo, o enorme estirão de uns bons trinta metros. Estêvão, sem saber o que fazer com as mãos, que ficaram a abanar, pediu também um café, para dar à extremidade dos dedos utilidade canónica (pegando na chávena), com a esperançosa ideia de que o aroma do café o livrasse da embruxada nuvem de perfume que se apoderara dele, pior que uma droga pesada.

Em vão. Porque daí a pouco ambas se ergueram, pagaram, saíram – e Estêvão continuou colado ao rasto delas como um cachorrinho. Demoníaco perfume industrial! Pronunciando-se ainda mais o declive da Rua do Comércio, acentuou-se a gravidade da sua missão protectora, voltando ele a abrir os braços, por trás, num arco amplo, de mãos

prontas a impedir que as duas senhoras desabassem na calçada portuguesa, torcendo um pé ou alcançando desastres de maior fragor.

Com toda a sua atenção virada para elas, começaram então a entrar-lhe nos ouvidos fiapos da conversa que ambas iam a proferir, e cujas notas musicais ele via reverberarem nas ondulantes superfícies da atmosfera citadina, fazendo ricochete nas montras.

– ... por causa do aumento das rações, resolvi vender metade das vacas. Mas assim já me posso dedicar a semear forragem. Mantenho o rebanho das ovelhas, porque estão a dar leite, e dos porcos também não me desfaço para já, tenho uma carteira de encomendas de três talhos...

– Pessoalmente, prefiro vender para supermercados, parece-me mais simples e seguro. O que agora me está a preocupar são as regas...

– Ai, Xaninha, não me fale de regas, são uma dor de cabeça! Ainda ontem me ia esquecendo de regar o terreno todo das hortaliças...

– Olhe, a mim o que me vale é o Frederico, colabora muito, até já aumentou a minha área de plantação e ampliou o meu estábulo das vacas, que ficou mais bonito. E o meu filho gosta muito de usar o tractor...

– Isso queria eu, mas as minhas filhas não se interessam nada pela quinta...

– Ora, coitadas, não estão em casa, ao pé de si, têm mais em que pensar, lá na faculdade...

– Sim, mas o que é que lhes custava colaborar? Estão sempre ligadas à Internet, são mais competitivas do que eu, e os jogos de computador são para elas de uma facilidade que chega a ser irritante... Se elas me dessem uma mãozinha, a esta hora eu já podia estar com uma quinta maior,

com uma classificação muito melhor, ter muitos mais pontos, mais possibilidades de ganhar... Veja lá que até a minha empregada, a Adosinda, vai com mais pontos do que eu...

– A sério?

– Juro-lhe.



DE ONDE VEM O LEITE?

Grandes questões do nosso tempo

No tocante à agro-pecuária, há uma história de três linhas que já se tornou um clássico. É essa em que à pergunta «De onde vem o leite?» muitas crianças respondem, sem titubear: «Do supermercado.» Noutras versões, a resposta é «Do pacote» (nos casos em que as crianças demonstram miopia precoce, hoje corrente), «Da Internet» (quando os pais recorrem às compras electrónicas) ou até «Da avó» (se for a avó a levar o leite para casa).

Mas esta questão, já com alguma longevidade, mormente nas metrópoles mais desenvolvidas, está a preocupar muitíssimas pessoas, em particular educadores de infância, certos pais (e até mães) e, nalguns casos, engenheiros de empresas leiteiras ou de fábricas de pacotes. E o diversificado conjunto de pessoas que com isto se preocupa decidiu tomar iniciativas, para enfrentar um problema civilizacional que ultrapassa as fronteiras de vários continentes, correndo o risco de alastrar aos restantes e às estações orbitais.

Segundo nos informou o nosso amigo Estêvão Vao, são várias as iniciativas em concurso ou que se encontram em

fase de estudo em gabinetes de criatividade especializados em problemas desta estirpe (uma estirpe «bastante perigosa», na abalizada opinião dos peritos de ponta). Depois do almoço vamos continuar a investigar, mas para já só tivemos conhecimento de uma dessas iniciativas. Chama-se «Criação Urgente de Quintas Pedagógicas» (CUCA) e partiu de uma fundação cujo nome ainda não conseguimos soletrar por causa das perturbações atmosféricas que estão a dificultar a transmissão de dados.

Pelo que pudemos perceber nas entrelinhas, a iniciativa em questão consiste em montar quintas de pequena dimensão nos arrabaldes (ou *periferias*) das grandes cidades onde ainda haja alguns terrenos provisoriamente não destinados de imediato à construção de prédios, designados «espaços baldios» (ou mais propriamente *stand-by barrens*). Nesses terrenos, a referida fundação, cujo nome contamos conhecer em breve, vai instalar estábulos chamados «vacarias», onde ficarão à disposição grupos de vacas leiteiras pedagógicas, bem como equipas de pessoas chamadas «ordenhadoras», as quais, além de darem comida aos animais e limparem as respectivas «camas» (nome técnico), têm a missão de as «ordenhar» (*idem*), em conformidade com um organigrama destinado a receber grupos de crianças de creches e escolas que para ali deverão ser deslocados, quer queiram ou não queiram. Uma vez posto de pé esse complexo sistema, o restante programa deverá tornar-se bastante praticável: as crianças, em molhinhos cujo número ainda não foi superiormente decidido, são transportadas até aos estábulos, sentadas em banquinhos em redor de cada uma das vacas e, depois de silenciadas, sujeitas a uma aula, para aprenderem o novo paradigma segundo o qual «o leite vem da vaca», alterando-se assim prodigiosamente

o conhecimento que até então possuíam. Alguns preeminentes pedagogos já tiveram oportunidade de declarar em diversos suportes que se trata de uma «verdadeira revolução nos níveis contemporâneos de conhecimento nivelado».

Ah, já me esquecia (tinha isto apontado e ia-me escapando): uma outra iniciativa de que também tivemos conhecimento é a de várias cadeias de hipermercados. Aproveitando as Quadras Natalícias (QN) e os Nascimentos de Jesus Cristo (NJC), estas últimas projectaram instalar nos seus espaçosos átrios, por onde circulam milhares de pessoas por minuto, Presépios ao Vivo (PaV), que consistirão em estábulos de dimensão considerável. Graças a recentes exegeses bíblicas levadas a cabo não sabemos onde nem por quem (fica para mais tarde), sabe-se agora que os animais do presépio não eram apenas uma vaquinha e um burrinho, mas sim *vários exemplares* desses representantes do gado vacum e asinino. A descoberta pode parecer de pouca monta, mas se pensarmos na utilidade que irá ter para a iniciativa dos hipermercados, o caso muda de figura. De facto, tendo em conta o grandessíssimo número de consumidores que nas QN se acotovela nestes estabelecimentos (que também são de ensino), o objectivo pedagógico de instruir as crianças (e os adultos que for preciso) a respeito da questão de saber «De onde vem o leite» só poderá tornar-se exequível (e vão dois) se houver bastantes vacas presentes, o que, naturalmente, exige uma superfície estabular de avultado tamanho. Por outro lado, todas essas vacas dos PaV deverão ter a acompanhá-las um número correspondente de burros, o que multiplica a presença das emblemáticas figuras.

Esta iniciativa, entretanto, à medida que os dias se sucedem, está a causar atritos de relevo e históricas discordâncias entre as direcções dos hipermercados e os donos ou

representantes de uma série de lojas sitas nos amplísimos átrios, designadamente boticas de perfumaria e de moda (foi nominalmente citado o caso de uma botica de vestidos de noivas divorciadas), receando estas lojas, com agastada apreensão, que o mugir das vacas e o zurrar dos burros, tendo em conta as condições acústicas dos recintos e os fenómenos de eco que ali eclodem, contribuam para agravar a crise para cujo perímetro já resvalaram, fazendo desmoronar as traves mestras das suas estratégias comerciais.

Um último ponto ainda também litigioso (ou problemático) é o destino a dar ao leite ordenhado, quer nas Quintas Pedagógicas quer nos Presépios ao Vivo, porque a Comissão Europeia impõe regras macroeconómicas de que decorrem renhidas quotas leiteiras, apesar de no caso vertente se tratar de uma produção especialíssima, cujos contornos pertencem, por direito próprio, à hermenêutica da didáctica. É de esperar que as comissões de pais e as trupes de consumidores venham finalmente a constituir uma frente comum para levarem o caso ao Parlamento, ao Vaticano e aos demais conclaves cujas portas se lhes abram ao segundo toque de campainha.

